

A memoria recobrada

Concha Rousia

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

ROUSIA, CONCHA (2013 [2008]). “A memoria recobrada”. *Galicia Hoxe*. “Revista das Letras”: 744 (6 de novembro), 1-8. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/2594>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

ROUSIA, CONCHA (2008). “A memoria recobrada”. *Galicia Hoxe*. “Revista das Letras”: 744 (6 de novembro), 1-8.

* Edición dispoñíbel desde o 22 de abril de 2013 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

06 NOVEMBRO DO 2008 - NÚMERO 744

rdl

REVISTA
DAS
LETRAS



Concha Rousia

A palabra escrita como cerne da loita contra o esquecemento. Como vía para acadar a transmisión da memoria colectiva dun pobo e reivindicar a riqueza dunha cultura. É o eixe que alicerza a creación de Concha Rousia (*Os Brancos*, Covas, 1962). Unha obra que percorre unha galería de xéneros, desde o conto breve ata a novela, pasando polos haikus, a poesía, o ensaio, o artigo de opinión... cunha notable variedade formal e unha estética limpa, directa, que apunta sen rodeos ao ollo das inquietudes da autora: o país, o idioma, a natureza, a desarticulación da cultura tradicional, os temas de xénero, a desigualdade e a inxustiza globais... “Se perdemos a nosa lingua, perdemos toda a transmisión cultural que chegou ata nós, porque o noso mundo non se pode expresar doutro xeito”, di. “Se, ao definirnos, delimitar con palabras o que somos e o que non, deixamos fóra parte do que somos,

Concha Rousia

A memoria recobrada

como cando seguimos o discurso dominante que afirma que galego e portugués son dúas linguas distintas, estamos a imposibilitar o cambio”, denuncia. A escrita de Concha Rousia convídanos a ser nós. A resistir a colonización cultural. A construír, desde a sociedade, novas narrativas liberadoras. A estreitar as conexións, os lazos entre as persoas, deteriorados coa ruína da cultura comunitaria tradicional. A autora, cuxa obra foi recoñecida co premio de narrativa do Concello de Marín, o premio de poesía do Concello de Ames e o galardón do Certame Literario Feminista do Condado, atopa o seu espazo de expresión en revistas como *Agália*, obras colectivas como *Dez por Dez* e, sobre todo, en internet, en publicacións do mundo lusófono que lle permiten escoller non pasar pola hispanofonía. E, desde hoxe, tamén na *Revista das Letras*.



Retorno a Totem-Ghetto

I

O bosque fora mudando de aspecto a medida que a velocidade da máquina que me transportava ia variando. Donde eu vinha era o final do Outono, mas onde acabava de chegar ainda havia algumas flores da última Primavera mesmo prestes a sucumbirem ante o ameaçador bafo do irrefreável verão.

Senti por primeira vez a emoção de estar no lugar onde sempre me colocaram meus sonhos e meu pensamento.

II

Chamo-me Zeltia Zaus, solteira, 25 anos. Nasci em Totem-Ghetto, uma pequena aldeia nas montanhas ao Sul do rio Ailm. Uma povoação a cada vez mais reduzida e mais velha e desesperançada. Eu sou a última nascida nas terras de Totem-Ghetto. Em minhas mãos está o destino de todos. Fecho os olhos e vejo a gente em circo, com seus braços abertos para me despedirem quando parti para vir aqui, onde tudo é tão diferente... Sinto que sou afortunada, posso finalmente abraçar estas árvores que eu conhecera já extintas, e cujo verdadeiro nome na nossa língua nunca ouvi pronunciar. Na fala dos de Totem-Ghetto, apesar dos grandes esforços, não se conserva nenhum som original e ninguém sabe ao certo como se pronunciará o nome dos majestosos carvalhos.

Zeltia, protegida pola soidade do bosque, fez um intento de pronunciar a palavra que levava escrita dentro dela, e o eco burlou-se arremedando-a... Mas cá estou eu, na Fraga Interna, longe de ser vista polos vigias de Terra Larga. “Desde a minha adolescência aprendi a guardar-me quando falava da Fraga Interna, já só viva nas lembranças passadas de geração em geração desde tempos imemoriais”... O cuidado tinha que ser estremado, nunca podias saber quando os espiões de Terra Larga andavam à espreita. Eles estragam qualquer pequeno gromo, físico ou mental, que venha lembrar a existência da Fraga Interna, que em tempos se tinha chamado com outro nome. “ Como odiei eu sempre os compatriotas que se foram entregando aos colonialistas... Bem cedo entrei na organização interior I. T. G.

A imagem que gravei de mim daquela época é a de uma moça alegre, de olhos cor de mar, que se intensificava quando a minha olhada era rancorosa; meu corpo era magro e meu

cabelo aloirado e encaracolado, como o dos meus irmãos de Totem-Ghetto. Terra Larga fora-se metendo no nosso território com seus escurecidos fanáticos, agarrados ao chão. No mais velho mestre de Totem-Ghetto aninha a ideia de encontrar o jeito de dar a volta ao mundo, de encontrar a forma de salvar o que parecia impossível salvar. Sabemos que do outro lado das nossa montanhas há gentes que conservaram a mesma essência que um dia fora nossa, mas perdemos a capacidade de nós comunicar com eles. Nosso clã era inicialmente forte e potente e não julgara que tinha que procurar a amizade neles, até que foi demasiado tarde. Estávamos sós na nossa desigual luta por expulsar os usurpadores do nosso território. Lembro que quando era miúda imaginava aos de Terra Larga como grandes lesmas que cobrindo de babas nossos campos impossibilitaram a nossas bocas falar. Apesar dos incomensuráveis esforços por todos os membros de Totem-Ghetto por manter viva a chama da esperança, cada vez parecia mais uma quimera. Nas nossas festas, sempre às escondidas dos olhos dos esbirros de Terra Larga, cousa cada vez mais difícil, revivíamos o sabor da Terra tal e como ela um dia deveu ser, e nos prometem foi; esses são dias de comunhão para todos nós, e alimentamos-nos para o resto do ano e prometemos fazer tudo que seja preciso para não esquecer o que foi a nossa Terra, para que um dia o possa voltar a ser.

Cumpri os vinte-e-um anos e fui convidada para atender as sessões do Conselho Interior, a cada vez deixavam entrar gente mais nova, porque éramos poucos, cada vez menos. O Conselho reunia-se numa cova profunda, escura e húmida, que garantia o secreto das conversas, em nenhum outro lugar podiam falar sem serem interceptados. Não sei de quem fora a ideia de que a encarregada de fazer “a viagem” tinha que ser eu; talvez fui escolhida por ser mulher, ou por ser a derradeira pessoa nascida em Totem-Ghetto. Quis negar-me a ir só para ver como tratavam de me convencer, mas incerta de que o fossem fazer, aceitei à primeira. Eu, jovem, com o meu entusiasmo pola filologia seria a menos suspeitosa do que alguém mais velho para que me escutasse o grande intelectual, porta-voz dos patriotas da Grande Fraga. Não me custara esforço nenhum aceitar a ideia de trocar o meu mundo polo dos meus antepassados. Desde o dia da minha eleição me esteve preparando e sonhando com a minha chegada à Grande Fraga, um lugar mítico, no que se me falava a cada dia e, mesmo sem ele ser real, se podia dizer que nele cresci.

III

Era de madrugada quando me encontrei na profundidade do bosque. Falei umas frases para a minha pulseira-gravadora, que se activa com a minha voz... “de trás do cristal da minha máquina sinto palpitar o coração e correr o sangue do meu país ainda vivo... vivos os vivos, e vivos os mortos. Sem sair da nave notei que entrava em universos e partes de mim que desconhecia...”

IV

Escondi a minha máquina. Não foi difícil de fazer, apanhei uns poucos fentos, que eram mais grandes do que eu e tapei-a com eles; teria que regressar antes dos fentos secar, tinha como muito um dia para fazê-lo. Amanhã pela mesma hora devia regressar. Olhei à minha volta, não vi ninguém, nem podia acreditar naquela sensação de liberdade que sem saber como se metera em mim. Apanhei o carrucho que subia pela beira esquerda da penedia, tal e como me fora indicado, e me lembrava o meu orientador espacial. Tinha que encontrar uma pessoa, Xulm Stal, e peguei a andar.

Xulm Stal, nalguns círculos conhecido também por seu pseudónimo, Rotbat Luden, o grande poeta da Grande Fraga. Nele tenho que encontrar a chave para abrir a porta que ele fechou e que, sem o perceber, nos isolou e nos sitiou. É urgente que eu fale com ele.

Despreguei o mapa virtual que sai da mesma pulseira com a que gravo, e vi o plano tridimensional da cidade, no que uma estrela vermelha de luz assinala a casa que eu tenho que procurar. Nos quatro anos que durou minha preparação antes de empreender a viagem, tinha memorizado o trajecto, mas mesmo assim levava o meu orientador espacial; não era possível saber o efeito que a viagem ou a chegada podiam ter em mim, e em minha maneira de funcionar; mas tudo parecia em ordem dentro de mim. Fui andando até o lugar que buscava, não queria riscos desnecessários, tudo estava previsto e o tempo que me iria fazer falta para chegar a meu destino fora calculado. Cheguei pontualmente. A essa hora Xulm Stal estará em casa, ou estará a chegar. O sensor de matéria indicou-me que seu carro estava na garagem, então ele estaria em casa. Subi as escadas e chamei.

–Xulm Stal? –perguntei mesmo sabendo que era ele, reconhecê-lo-ia no meio duma multidão.

–Quem o quer saber?

–Chamo-me Zeltia Zaus.

–Passe, se o deseja...

Entrei. Levava anos sonhando com aquele encontro, passei a seu lado deixando que a aura do grande patriota, a quem tanto aprendi a admirar, me tocasse.

–Quer tomar alguma coisa?

–Bem haja! Qualquer cousinha para beber me serve.

Toquei o vidro transparente do copo, senti uma sensação muito estranha, nunca a imaginara, apesar de ter ouvido falar destes copos que te despertam a sensação de o líquido estar no ar... Fascinante.

...

–Tenho que falar com você.

–Calma, calma, desfrute do vinho...

Ele falava-me de desfrutar mas sua olhada mostrava desagrado, e eu julguei que era produzido por minha maneira de falar, e não o culpei. Eu por outro lado fiquei absorvida pelos sons que saiam da sua boca. Era a primeira vez que ouvia falar a nossa língua a uma pessoa real, viva, da Grande Fraga. Fechei os olhos e enquanto fazia como que cheirava o vinho abri meus sentidos todos para deixar entrar em mim a música das suas palavras; as suas eram as primeiras, e as únicas, originais que eu tinha ouvido. Embebedei-me com sua presença.

–Por que me procuras, e donde vens? –de repente me tratava por tu.

–Isso tanto tem, de onde eu venha pouco importa... Já viu como falo?

–Já reparei, claro... como não ia?

–O que importa e o por que eu vim...

–E por que veio? –deixara de me tratar por tu...

–Porque tenho que lhe contar uma coisa – ele ouvia-me- tenho que lhe dizer que desde onde você fica... ainda se pode salvar o país... a cultura... a língua... –as minhas palavras foram diminuindo de volume e as últimas eram quase inaudíveis, e eu não soube se ele as tinha ouvido mas se pus a falar...

–O país! Levo mais de 40 anos dando tudo que eu sou ao país e já pouco fica em mim para salvar nada. Já não entendo nem o que é isso... Talvez um dia a ciência, quando seja capaz de livrar-nos do lastre ideológico que nos deixou em herança a época da que vimos, talvez então seus postulados nos possam ajudar a ver o que é que nós não vemos e que parece nos levar ao precipício. Só assim é que o poderíamos salvar. Eu aos meus anos, o único que posso é fazer os meus poemas, e salvar a fala até a minha morte, mas o país, a cultura, a língua... isso eu já não sei como salvar...

Havia saudade nas palavras que saiam da boca de Xulm Stal e que iam amortecendo ao chocar com as paredes cobertas de livros, nada se ouviria fora de ali, até me fez pensar na cova do Conselho de Totem-Ghetto... meus olhos perderam-se então num passeio de inúmeros volumes cujos títulos eu tinha também memorizados mas que nunca vira... Donde eu venho não existem os livros escritos, nem o papel. Quando quis acordar estava lendo todos os títulos em voz baixinha e movendo os beijos, como os meninos quando estão a aprender a ler. Xulm Stal olhou para mim e eu, no meio de minha confusão disse:

–Venho dum tempo no que já não se pode fazer nada, venho para lho dizer e que faça você o que

tenha que fazer antes que seja tarde demais.
-Não.
-Como não?
-Tu não tens ideia do que é isto! -voltara o tratamento por tu- tu, polo que vejo, nem tens ideia do que é o cerne do país que dizes vir para salvar...
-Certo, eu não sei, conte-me como é, quero saber, eu venho para conectar com o coração do país, tal como ele foi... como ele é, quis dizer...
-É tarde, se queres fica para amanhã.
-Muito bem, fico, mas necessito contar-lhe eu também algo a você...
-Eu não sei se o quero saber.
-Eu tenho que lho dizer, mesmo que você não queira, mesmo falando como eu falo... -naquele momento teria eu gostado de ter mais facilidade para ir incorporando em mim o seu jeito de falar, mas não havia tempo...-
-E o que é isso me tens que dizer?
-Que na sua mão está a chave da porta pola que poder sair quando os de Terra Larga sitiem o país, e que se essa chave se perde já não há salvação possível.
-De que porta me estás a falar?
-Da porta do Sul, por onde os caminhos foram lavrados, por onde sempre os nossos antepassados circularam e daí fizeram também os caminhos do mar, ou quem pensa que os fez?
-Por esses caminhos a nossa língua não cabe, sua ancestralidade ficaria pedida...
-Se mantendes fechados os caminhos do Sul, e daí os do Mar, não vai ser só isso a perda que vamos sofrer...
-O que cabe por essas canelhas custodiadas por mouriscos... não me vale...
-Então aguarda a que sigam chegando os encrequenados de Terra Larga... a ver o que te vale a ti!! -Surpreendi-me da agressividade que havia na minha voz.
-Perdes o tempo, eu já andei o caminho... já e tarde para dar a volta.
-Mas ainda há gente que o segue, não há?
-Pois sim, há, mas eu não os mandei vir atrás de mim.

VII

Durante a ceia, que o próprio Xulm Stal serviu para os dous, invadiu-me o pessimismo. Não havia forma de lhe fazer entender que a sua postura fechava as saídas naturais e sitiava a língua e a cultura, facilitando, sem ele o querer, o trabalho exterminador de Terra Larga. Como fazer-lhe entender? Ele próprio parecia triste e decaído.

-Há alguma cousa errada? -perguntei.
-Pois é claro que há.
-Se abrimos essa porta da que tu falas, não vás tu pensar que eu não sei que tenho a chave, o que

saia para o outro lado de lá já não será governado por nós, os herdeiros da Grande Fraga, nossos acenos... e de volta virão sons que apagarão os originários da Fraga Mãe, a mais profunda, a verdadeira...

Ouvindo-o falar parecia-me tão convincente, não sei se era polo que dizia ou se era por seu jeito de o dizer. Mas polo conteúdo não podia ser, porque disso eu estava certa, eu sabia o que iria passar se a porta ficava fechada, e se a chave se perdia, como o sabíamos todos os do Totem-Ghetto, portanto sabia que era a fala a que estava a provocar aquele efeito mim.

-E por que não tenta você que se transmita essa ancestralidade?

-É impossível... tu já reparaste no pequeno que é o nosso país? Se se abrir, desaparece...

Eu estava cheia de dúvidas, mas aos poucos uma ideia ia ficando clara na minha cabeça.

Entrei no quarto e aproximei-me dele, saboreei a sua boca com um beijo interminável que durou até o amanhecer. Sabia o que tinha que fazer.

VIII

Abriu o dia com cheiros e sons que para mim eram novos; nem tinha palavras para os denominar. Acerquei-me à janela e vi o sol nascendo com uma língua de lume obrigando as sobras a se alongarem. Tomei um banho demorado e voltei ao quarto onde ele seguia dormindo. Vesti meu casaco, comprovei que tinha a arma no bolso; aquela espécie de pequena caneta, parecia impossível de crer que algo tão minúsculo como era aquele delgado cilindro de apenas dez centímetros de longo, tivesse o poder destrutivo que tinha; com só apertar o botão do extremo, e deixar ouvir um click, tudo estava feito; homem e leito desaparecidos sem deixar pegada. Um calafrio percorreu meu corpo ao ver o que acabava de fazer.

Toquei-lhe no ombreio para o acordar e pedi-lhe que me acompanhasse ao bosque, ele obedeceu, talvez por pensar que estava em dívida comigo pola noite que eu lhe oferecera. Saímos, não precisei de meu guia virtual, que apaguei para que não incomodasse Xulm. Cheguei onde ontem tinha cortado os fentos, apartei-os e descobri a máquina; ele ficou calado. No meu bolso, na minha mão, seguia a mortífera caneta. Tirei a mão fora do bolso, pousei-a no seu ombreiro e disse-lhe:

-Vem, sobe à máquina, vais vir comigo, quero só que tu vejas uma cousa.

Fui

Houve um tempo em que fui índia
e corri descalça pelo campo
sem saber que o campo era meu
mas era
sem eu saber e sem saber o campo
–
e era livre sem saber que era
–
eu era...
sem saber que existia não ser
sem ter que achar palavra para o ser
eu era...
–
e agora ando à procura
sabedora de que eu fui
retorno à minha memória
e tudo muda de lugar como pó ao vento
inclusive aquilo que era eterno
ficou velado pelo tempo presente
sem futuro
sem pés nus
sem relva orvalhada a me inundar o espírito
...
nesse tempo que fui índia
fui água
fui rio
e fui lagoa...
sem saber que era

e agora volto a esses lugares inexistentes
e despovoam-se minhas memórias
e fui águia e amei a montanha
e ela que eu habitasse seu céu
e fui lobo a encher de som a noite
e fui lua que ama a terra
sem saber que a ama
e fui pessoa sem saber que era
–
e agora sou nada
e nem posso reter o que fui
tudo tornado areia no deserto da minha memória
sei que hei de volver a mim
um dia
que hei de reclamar meu ser
um dia
mesmo ser eu sem saber que sou eu
mesmo ser tu sem saber que sou tu
mesmo ser pó sem saber que sou pó

